

## RISCOS OCUPACIONAIS EM PROFISSIONAIS DO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR

Área de concentração em Enfermagem Assistencial

Givanete Alves Gomes<sup>1</sup>; Bianka Pereira Evangelista<sup>2</sup>; Kamila Gomes Martins<sup>3</sup>; Kamilla Gualberto Ferreira<sup>4</sup> Ana Beatriz Alves Barbosa<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Enfermeira graduada pelas Faculdades Integradas de Patos, gilzinha.alves@hotmail.com

<sup>2</sup> Enfermeira graduada pelas Faculdades Integradas de Patos, biankapereira@msn.com

<sup>3</sup> Enfermeira graduada pelas Faculdades Integradas de Patos, k.mi.la@hotmail.com

<sup>4</sup> Enfermeira graduada pelas Faculdades Integradas de Patos, kamilla.gualberto@gmail.com

<sup>5</sup> Docente do Curso de Enfermagem das Faculdades Integradas de Patos, beatrixalves20@hotmail.com

**INTRODUÇÃO:** As doenças relacionadas à saúde do trabalhador constituem um sério problema de saúde pública, estando presente nas diversas áreas de atuação e ambientes de trabalho. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, os riscos ocupacionais são classificados na Norma Regulamentadora 09 (NR) como riscos físicos, químicos e biológicos e na NR 5, riscos ergonômicos e acidentes (BRASIL, 2011). Os profissionais que atuam no atendimento pré-hospitalar, estão em constantes situações que podem comprometer o seu bem estar, sejam eles relacionados ao ambiente ou a fluidos e materiais aos quais acabam sendo expostos. No cotidiano da própria profissão surgem os inúmeros obstáculos do serviço, sejam eles relacionados à qualificação inadequada ou treinamento ineficiente, além das situações de difícil acesso, a falta de segurança e a falta de protocolos exclusivos para prevenção e controle de infecção (ARAÚJO; MOREIRA, 2015). Tendo em vista a necessidade de discutir os riscos em que os profissionais de enfermagem, no APH, estão expostos durante a sua rotina laboral e a partir daí despertar reflexões e estratégias para a minimização dos mesmos. O presente estudo tem como objetivo avaliar a partir da literatura pertinente os riscos ocupacionais relacionados aos profissionais atuantes no atendimento pré-hospitalar.

**MATERIAIS E MÉTODOS:** O presente trabalho se constitui de uma revisão bibliográfica e a partir da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), foram adotados os seguintes bancos de dados para o recolhimento das informações: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). A coleta dos dados foi feita mediante palavras-chave: Atendimento Pré-hospitalar. Riscos Ocupacionais. Saúde do Trabalhador. Os critérios de inclusão foram: artigos em português, que retrata os riscos ocupacionais no trabalho do profissional de APH, no período de 2013 a 2017. Os critérios de exclusão empregados foram: monografias e artigos fora do período pré-estabelecido, duplicados, incompletos e em outro idioma.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A unidade de urgência e emergência é um ambiente que fornece para os profissionais atuantes riscos constantes, sejam eles de natureza física ou psíquica, por tratar-se de um serviço permeado por pressão, e rotineiramente lidar com pacientes em risco iminente de morte (ANGELIM e ROCHA, 2016). Os profissionais atuantes no serviço de urgência e emergência estão expostos a diversos riscos no seu ambiente laboral, dentre estes, destacam-se os de natureza: Física, com ênfase nos ruídos e acidentes com materiais perfurocortantes. (LEITE et al., 2016) os de natureza biológicas através do contato com fluidos corporais. Os riscos psicológicos relacionados ao estresse e sobrecarga emocional (FREITAS et al., 2015). Para os profissionais dessa área é comum a presença de fadiga mental, relacionada à fatores múltiplos como o contato direto com o sofrimento dos pacientes, a morte, o estresse, o andamento de trabalho excessivo, além da exposição aos acidentes críticos e o risco iminente de violência por

parte do próprio paciente, familiares e populares presentes na cena (LUCIO; GUSMÃO; TORRES, 2013). E os problemas de saúde mais frequentemente são aqueles relacionados aos distúrbios osteomusculares, ressaltando a dor lombar, e dores em membros inferiores (SHOJI, et al., 2016). A locomoção e remoção das vítimas habitualmente tem ocorrido com o número inferior ao indicado, contribuindo com o aumento aos danos a saúde do trabalhador, favorecendo problemas osteomusculares. Tais disfunções na coluna vertebral podem agravar-se com o tempo de utilização de técnicas inadequadas, relacionadas a postura ou agachamento, além de levantamento de peso. Também podem interferir a não utilização dos materiais adequados que facilitem o serviço, quando associados a todos os fatores de corrida, distância, e quantidade de repetições que são necessárias nos plantões (PASA et al. 2015). Dentre os riscos ergonômicos observados, alguns aspectos estavam referentes a estrutura física do ambiente de trabalho, como: corredores extensos dentro e fora dos setores; unidade de difícil acesso; ausência de elevadores; escadas rolantes danificadas; vestiários e banheiros insuficientes/inadequados; mobiliários inadequados, unidades com ambiente arquitetônico inadequado, sem respeitar os princípios da ergonomia. Dificultando dessa forma a realização satisfatória e segura do serviço. O comprometimento para as melhorias devem partir das diversas esferas de responsabilidades, porém devem estar presentes diariamente a luta por melhorias, para a garantia do trabalho digno afim de promover saúde e bem estar do trabalhador (SHOJI. et al. 2016). Disfunções no sono, na alimentação, nível baixo de concentração e atenção e fadiga constituem exemplos de riscos, tornando-se elementos que atribuídos com a continuidade de episódios podem ser habituais, e se agravarem. Colocando em risco ocupacional a todos os profissionais que diante de procedimentos com alta periculosidade estiverem comprometidos de alguma forma. Todos esses elementos refletem na vida social e familiar, interferindo no lazer e na saúde mental do profissional (LUCIO; GUSMÃO; TORRES, 2013). Neste sentido, as condições de trabalho estão diretamente relacionadas ao potencial de adoecimento. São definidos como conjunto de fatores que incluem horas trabalhadas, remuneração salarial, ergonomia (LEÃO; VASCONCELLOS, 2013). Foi observado que na literatura pesquisa, os riscos ergonômicos no APH, estão relacionados à falta de aptidão física dos socorristas, a postura inadequada, e as longas jornadas. Estudos demonstram que o atendimento a urgência por si só representa um risco substancial para acidentes já que requer habilidades e ação rápida para intervir sobre a vida do paciente, levando por vezes o profissional negligenciar cuidados de proteção básicos. Além disso, a falta de preparo dos profissionais que atuam nesse setor pode contribuir para o aumento dos riscos, já que quando treinados a agir em momentos críticos tornam-se menos vulneráveis a erros (EPI) (SILVA et al.,2016). A adesão ao uso de equipamentos de proteção individual também se mostrou imprescindível para a proteção e prevenção de possíveis acidentes, porém sua utilização ainda é facilmente negligenciada pelo trabalhador (RIETH, et al., 2014).

**CONCLUSÕES:** Este estudo ressalta a importância do conhecimento técnico e científico na área de riscos ocupacionais, a fim de tornar a conduta adequada ao serviço e ao servidor. Atuando a favor da segurança do trabalhador e minimizando os riscos ocupacionais durante o atendimento. Determinadas medidas que após serem adotadas podem favorecer a saúde e diminuir o risco, é a realização de treinamento, fortalecendo a conscientização sobre a vulnerabilidade aos problemas de saúde relacionados ao trabalho, estimulando o uso de EPI's, adequando à jornada de trabalho, induzindo a prática de ginástica laboral e atividade física e buscando, ainda, um acompanhamento psicológico para aliviar a carga mental e estresse vivido pelos profissionais.

**Palavras-Chave:** Atendimento Pré-hospitalar. Riscos Ocupacionais. Saúde do Trabalhador

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ANGELIM R.C.M; ROCHA G.S.A. Produção científica acerca das condições de trabalho da enfermagem em serviços de urgência e emergência. **J. res.: fundam. care. online.** 2016. jan./mar. 8(1):3845-3859. Disponível em: <[http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/4473/pdf\\_1800](http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/4473/pdf_1800)>. Acesso em 20 de Fev. 2017.
2. ARAUJO, L.R. A. MOREIRA, M. R.; Risco ocupacional enfrentado pela equipe de enfermagem do serviço de atendimento móvel de urgência. **Fait.revista.inf.** V. 2, n.3, 2015. Disponível:<[http://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/EvOrZyQVZR05qpG\\_2015-2-3-14-23-39.pdf](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/EvOrZyQVZR05qpG_2015-2-3-14-23-39.pdf)>. Acesso em 07 de Mar. 2017.
3. Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. **Normas Regulamentadoras.** 2011. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/legislacao/normas-regulamentadoras-1.htm>. Acesso em: 10 Mar. 2017.
4. FREITAS, R. J. M. et al. Estresse do enfermeiro no setor de urgência e emergência. Recife. **Rev. enferm. UFPE on line.** v.9. Supl. 10, p.1476-83, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10861>>. Acesso em 23 de Fev. 2017.
5. LEÃO. L. H. C.; VASCONCELLOS. L. C. F. Nas trilhas das cadeias produtivas: reflexões sobre uma política integradora de vigilância em saúde, trabalho e ambiente. **Rev. bras. Saúde ocup.,** São Paulo, 38 (127): 107-121, 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbso/v38n127/v38n127a13.pdf>>. Acesso em 02 de Fev. 2017.
6. LEITE, H. D. C.S. et al. Profissionais de saúde do serviço de atendimento móvel de urgência – SAMU. **Enferm. Foco** 2016; v.7 n.3/4, p: 31-35. Disponível em: < <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/912/342>>. Acesso em 12 de Mar. 2017.
7. LÚCIO. M. G.; GUSMÃO. C. M. P. ;TORRES. M. C. Riscos Ocupacionais do Atendimento Pré- Hospitalar: Uma Revisão Bibliográfica. **Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente - Aracaju.** V.1, N.3, p. 69-77. jun. 2013. Disponível em: < <https://periodicos.set.edu.br/index.php/saude/article/viewFile/754/441>>. Acesso em 24 de Mar. 2017.
8. PASA. T. S. et al. Riscos Ergonômicos para Trabalhadores de Enfermagem ao Movimentar e Remover Pacientes. **Rev Enferm UFSM.** 2015. Jan/Mar;5(1):92-102. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/15016>>. Acesso em 12 de Mar. 2017.
9. RIETH, G. H. et al. Uso de equipamentos de proteção individual pela enfermagem em uma unidade de emergência hospitalar. Recife. **Rev. enferm UFPE on line.** v. 8, n.2, p:365-71, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-02832011000200013](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832011000200013)>. Acesso em 15 de Fev. 2017.
10. SHINO, S. et al. Proposta de melhoria das condições de trabalho em uma unidade ambulatorial: perspectiva da enfermagem. **Esc Anna Nery.** 2016;20(2):303-309. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n2/1414-8145-ean-20-02-0303.pdf>>. Acesso em 15 de Fev. 2017.
11. SILVA, F. F. A. et al. Riscos de acidentes com materiais perfurocortantes no setor de urgência de um hospital público. **Rev Fund Care Online.** 2016 out/dez; 8(4):5074-5079. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i4.5074-5079>>. Acesso em 19 de Mar. 2017.